

ESTUDOS SOBRE CULTURA E COTIDIANO ESCOLAR: uma inversão de perspectiva

Studies on culture and everyday school: a reversal of perspective

Ana Maria Falsarella³

Ah, homens de pensamento
 Não sabereis nunca o quanto
 Aquele humilde operário
 Soube naquele momento!
 Naquela casa vazia
 Que ele mesmo levantara
 Um mundo novo nascia
 De que sequer suspeitava.

Vinícius de Moraes
 Trecho de *O operário em construção*

Tenho observado em minha lida acadêmica que muitas pesquisas empíricas na área da educação escolar trazem análises que consideram exclusivamente o ponto de vista do pesquisador tendo por base seu referencial teórico e desconsideram a perspectiva dos sujeitos participantes (stakeholders). São comuns investigações que partem de entrevistas, questionários e observações sobre os atores internos à escola apenas para validar os estudos teóricos feitos pelo pesquisador e as considerações que ele tece sobre determinado tema, ficando obscura a possibilidade de acréscimo ao conhecimento acadêmico e ao conhecimento prático que a perspectiva desses sujeitos pode trazer. Em outras palavras, as opiniões, percepções e representações daqueles que trabalham diretamente na escola são uma espécie de trampolim, de meio para que o pesquisador alcance seus objetivos e comprove suas hipóteses concebidas de antemão. As conclusões das pesquisas pouco servem para apresentar novos caminhos àqueles que têm a escola como local de estudo e de trabalho.

Neste artigo apresento um estudo exploratório-bibliográfico sobre a obra de Michel de Certeau, cotejando-o com o que tenho observado em pesquisas empíricas da área da educação. Entendo que o legado de Michel de Certeau muito pode contribuir para ampliar a perspectiva

³ Universidade de Araraquara (UNIARA), Araraquara, SP. Docente e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Processos de Ensino, Gestão e Inovação. anafalsarella@gmail.com

do pesquisador, possibilitando-lhe captar o modo como o anônimo trabalhador da educação escolar constrói sua prática cotidiana. Parto da seguinte questão: Como a escola inventa seu cotidiano a partir das mudanças que lhe são propostas pelas políticas educacionais? Meu objetivo principal é, justamente, o de estabelecer a relação entre as teorias sobre cultura e cotidiano de Michel de Certeau e os estudos sobre a escola. Dele decorrem os seguintes objetivos específicos:

- a) Apresentar, na visão de Certeau, os conceitos de cultura e cotidiano, as concepções de produção cultural e de consumo cultural, o papel da oralidade nas relações humanas e as críticas às posições de Foucault e Bourdieu;
- b) Evidenciar a afinidade existente entre os estudos sobre cultura e cotidiano na sociedade, da perspectiva certeuniana, e os estudos sobre a escola;
- c) Apontar a relevância de estudos empíricos sobre a escola a partir do olhar de seus atores internos.

Pensador, filósofo, historiador, antropólogo e teólogo francês (1925-1986), Michel de Certeau agrega conteúdos de diferentes áreas do conhecimento para desenvolver uma obra instigante e peculiar sobre o que ele nomeia de “arte” do cidadão comum em produzir a cultura do cotidiano.

A obra de Certeau despertou meu interesse desde a elaboração de minha pesquisa de doutorado (PUC-SP, 2005), quando busquei aportes para dar sustentação à análise da lógica interna de funcionamento de uma escola pública municipal de ensino fundamental da periferia de São Paulo, centralizada na trama de relações que se estabelece entre a cultura da escola e as diretrizes emanadas da política educacional.

A partir de então, os estudos do autor têm contribuído para iluminar as conclusões de inúmeras pesquisas em que tenho me envolvido, individualmente ou em grupo. Para a elaboração deste texto foram consultadas as seguintes obras: *A cultura no plural* (1995), *A invenção do cotidiano, v.1 – Artes de Fazer* (2001) e *A invenção do cotidiano, v.2 – Morar, cozinhar* (2000), este último escrito em parceria com Luce Giard e Pierre Mayol.

Michel de Certeau busca especificar o modo de estar-no-mundo e de torná-lo inteligível a si mesmo produzido pelo sujeito comum, pelo homem ordinário, pelo herói anti-herói – anônimo personagem na multidão (Cada um, Todo Mundo, Ninguém). Apresenta a questão de como esses sujeitos, tidos como meros consumidores dos sistemas de produção social e cultural, criam seu cotidiano.

Seus estudos têm por foco o uso que indivíduos e grupos fazem dos objetos sociais e culturais a que são expostos, indicando uma trajetória de inversão em que o homem comum se

torna o narrador. Apresenta a cultura sob a ótica desse sujeito. Analisa as operações combinadas que consubstanciam a cultura daqueles que nomeia usuários dos sistemas de produção social, “dos quais se esconde, sob o pudico nome de consumidores, o estatuto de dominados (o que não quer dizer passivos ou dóceis)” (CERTEAU, 2001, p.38).

Assim, considera importante completar os trabalhos sobre comportamentos e representações de uma sociedade com estudos sobre o uso que grupos e indivíduos fazem deles, ou seja, daquilo que o consumidor fabrica ao assistir a um programa de televisão ou ao fazer compras no supermercado, por exemplo. Diz ele:

A uma **produção racionalizada**, expansionista, além de centralizada, barulhenta e espetacular, corresponde uma outra produção, qualificada de “consumo”: esta é astuciosa, é dispersa, mas ao mesmo tempo ela se insinua ubiquamente, silenciosa e quase invisível, pois não se faz notar com produtos próprios mas nas **maneiras de empregar os produtos** impostos por uma ordem econômica dominante (CERTEAU, 2001, p.39, grifos meus).

Bem depressa foi possível estabelecer um paralelo entre as ideias de Certeau e o objeto daquela investigação (FALSARELLA, 2005).

A política educacional foi considerada como a “produção racionalizada e centralizada”, elaborada pelos técnicos do sistema educacional. A “outra produção” foi entendida como o uso que da primeira faz a multidão de anônimos trabalhadores da educação das escolas públicas brasileiras (e mais os alunos e suas famílias), aqueles que são, para utilizar a linguagem certeauniana, os “usuários” ou “consumidores” das reformas propostas pelas políticas educacionais.

O cotidiano

No uso corrente da linguagem, o cotidiano é definido simplesmente como aquilo que “ocorre todo(s) o(s) dia(s); particular do dia a dia, diário”⁴, ou seja, o que acontece habitualmente. Para Certeau, o conceito é bem mais rico, até mesmo poético, poderíamos dizer, como podemos observar no seguinte trecho:

O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. Todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada. [...] É um mundo que amamos profundamente, memória olfativa, memória dos lugares da infância,

⁴ DICIO Dicionário Online de Português. <https://www.dicio.com.br>. Acesso em 06 mar. 2017.

memória do corpo, dos gestos da infância, dos prazeres (CERTEAU; GIARD; MAYOL, 2000, p.31)

Uma teoria das práticas cotidianas

O consumo cultural é considerado por Certeau um tipo de produção, mas totalmente diverso do produzido pelos que dominam a sociedade, uma astúcia-arte quase invisível e clandestina de utilizar os produtos culturais impostos pela ordem social dominante dentro de uma outra ordem, tal como acontecia com os indígenas subjugados da América: usavam as leis, as práticas e as representações que lhes eram impostas fins diferentes dos idealizados pelos conquistadores, subvertiam-nas a partir de dentro – não rejeitando-as, mas transformando-as pelas maneiras de empregá-las a serviço de suas regras, costumes e convicções, totalmente estranhas à colonização da qual não podiam fugir. Permaneciam outros no interior do sistema que assimilavam e que os assimilava exteriormente. Modificavam-no sem deixá-lo.

[...] esses indígenas faziam das ações rituais, representações ou leis que lhes eram impostas outra coisa que não aquela que o conquistador julgava obter por elas. Os indígenas as subvertiam, não rejeitando-as diretamente ou modificando-as, mas pela sua maneira de usá-las para fins e em função de referências estranhas ao sistema do qual não podiam fugir (CERTEAU, 2001, p.39).

Ao fazer a inversão de perspectiva na reflexão sobre o que constitui a cultura numa sociedade, deslocando a atenção do consumo supostamente passivo dos produtos recebidos para a criação anônima no uso desses produtos, Michel de Certeau esboça uma teoria das práticas cotidianas. Seu interesse centra-se não exatamente nos produtos culturais que estão à disposição no mercado, mas naquilo que seus usuários fazem deles. Destaca a inteligência e a inventividade do mais fraco. Em suas palavras: “Sempre é bom recordar que não se deve tomar os outros por idiotas” (CERTEAU, 2001, p.273).

A cultura ordinária

Na cultura ordinária exercer a ordem é uma arte: a arte de obedecê-la e burlá-la ao mesmo tempo. Há uma *ratio* popular, repleta de engenhosidades, que desafia e desencaminha as lógicas do poder. “Dispositivos semelhantes, jogando com relações de força desiguais, não geram efeitos idênticos”, afirma Certeau (2001, p.44).

É impossível reduzir os funcionamentos de uma sociedade a um tipo dominante de procedimentos. Uma sociedade é composta de certas práticas exorbitadas (dos que têm poder)

e de um sem número de outras práticas, menores, mas sempre presentes. Portanto, é preciso distinguir as margens de manobra possibilitadas aos usuários pelas diferentes conjunturas.

Certeau desvia o foco da cultura dominante, a mais valorizada pela representação oficial e pelo poder econômico, para o que sustenta e organiza a cultura como ela é praticada no cotidiano pelo homem comum. Por isso fala em cultura no plural. A esse consumo de produtos que obedece a códigos particulares, obra dos praticantes, em função de seus próprios interesses, o autor chama de cultura ordinária. A cultura ordinária rearticula o saber e o remete a situações concretas e particulares.

Um saber não sabido: entre o ler e o escrever

À discussão relativa ao binômio teoria-prática, Certeau acrescenta uma terceira posição: a de um “saber não sabido”, “conhecimento que não se conhece” (CERTEAU, 2001, p.143). Trata-se de um tipo de saber relacionado à arte de dizer, à narrativa, ao relato. No ocidente moderno, o funcionamento técnico e social da cultura estabelece uma hierarquia entre o ler e o escrever, há uma supervalorização do escrito sobre o oral, em que escrever é produzir um texto; ler seria recebê-lo de outro, sem marcar lugar, sem refazê-lo.

A prática escriturística assumiu valor mítico e a prática oral tem sido considerada como algo que não contribui para o progresso. Certeau contesta essa hierarquia criada entre o ler e o escrever. Na verdade, todo texto é modificado pela maneira como é lido. O leitor “cria algo não sabido, organizado por sua capacidade de permitir uma pluralidade indefinida de significações (CERTEAU, 2001, p.265)”.

Com efeito, para o autor, ler é peregrinar por um sistema imposto, mas toda leitura modifica seu objeto, todo texto é modificado pela maneira como é lido. No texto que lê, o leitor inventa outra coisa que não aquilo que era a intenção primeira. Nesse sentido, a cultura ordinária, com uma incrível capacidade inventiva, elabora novas categorias epistêmicas: interpreta a informação a partir de situações cotidianas tangíveis, particularizadas, selecionando seus próprios instrumentos de pensamento e técnicas de uso.

Na cultura ordinária, a oralidade tem papel fundador. A tradição oral que a criança recebe no lar a ajudará na sua capacidade de ler. A memória cultural oralmente adquirida ajuda-a a decifrar o sentido de um texto (pela expectativa e pela antecipação do sentido, nutridas e codificadas pela informação oral que a criança traz). Daí a oralidade conservar seu papel primordial na comunicação humana por mais espaço e apreço que a sociedade dê à escrita. A conversação se insinua em todo lugar e organiza a família, a rua, o trabalho e, talvez, seja por isso que goze de uma posição técnica inferior.

Cultura e informação

A cultura não se reduz à informação, mas se amplia ao tratamento que lhe é dado por meio de uma série de operações feitas pelos usuários. Toda nova informação só é assimilada se o adquirente conseguir configurá-la a sua maneira, ajustá-la aos seus esquemas mentais, utilizando-a em sua linguagem habitual, inserindo-a na conversação rotineira.

Adquirir uma nova informação depende também de como se configuram as situações de interlocução: cada locutor ocupa uma posição social e o que ele diz é interpretado em função dela. Há toda uma inventividade dos jogos de linguagem: meias palavras, artimanhas, desvios semânticos, efeitos sonoros, palavras inventadas, um sem número de formas “que as pessoas simples usam para arranjam-se com o desconforto da vida e por a ridículo os slogans da vida” (CERTEAU, GIARD, MAYOL, 2000, p.338).

Sobre a repressão e o *habitus*

Certeau destaca a importância de se resistir aos efeitos da análise, fundamental, mas por vezes exclusiva e obsessiva, que descreve as instituições e os mecanismos de repressão sem observar as práticas que ele reprime e que lhe são heterogêneas. Essas práticas que o poder acredita reprimir têm alta probabilidade de sobreviver e também fazem parte da vida social, sendo tanto mais resistentes quanto mais ágeis e ajustadas forem a um estado perpétuo de mudanças e a uma realidade fugidia.

Michel Foucault⁵ estuda a vigilância carcerária, escolar e hospitalar no começo do século XIX, estabelecendo uma dicotomia entre as ideologias que a sustenta e os procedimentos utilizados. Os iluministas, ao revolucionar a justiça penal, substituindo o suplício por procedimentos disciplinares capazes de vigiar e tratar diferentes grupos humanos (estudantes, militares, operários, criminosos, doentes) atribuíram um “lugar celular do mesmo tipo para todos” (CERTEAU, 2001, p.112).

Foucault procura evidenciar como funciona esse poder opaco que compõe uma microfísica do poder.

No entanto, para Certeau, é impossível reduzir os funcionamentos de uma sociedade a um tipo dominante de procedimentos. Uma sociedade seria composta de certas práticas exorbitadas e de um sem número de outras práticas menores, sempre presentes, embora não organizadoras de um discurso. Reconhecendo que Foucault introduziu transformações na análise dos procedimentos e que seu estudo abre novas perspectivas, Certeau aponta que, no

⁵ FOUCAULT, M. **Surveiller et punir**: naissance de la prison, obra publicada na França em 1975. No Brasil foi publicado em 1987 como **Vigiar e punir**: nascimento da prisão.

entanto, ainda resta a questão: o que acontece com outros procedimentos que não foram privilegiados, mas que exercem uma função importante na tecnologia instituída?

Pierre Bourdieu⁶ aprofunda estudos sobre as noções de *habitus*, de reprodução das hierarquias sociais e de suas ideologias. A reprodução acontece, para ele, sem possibilidade de escolha por parte dos indivíduos. Há, na proposta de Bourdieu, uma interiorização das estruturas (pela aquisição) e uma exteriorização do adquirido (ou *habitus*) através das práticas. O que desempenha papel central na sua teoria não é a aquisição ou a aprendizagem, que são fenômenos visíveis, mas o *habitus*, que sustenta a explicação de uma sociedade pelas estruturas.

De acordo com Certeau, os textos de Bourdieu reduzem as práticas e suas lógicas a uma realidade mística, colocada sob a lei da reprodução. Ele tenta certificar a docilidade das táticas à racionalidade socioeconômica e proclama sua morte ao declará-las inconscientes. Como destaca Certeau: “Ele irá encerrar essas astúcias por trás das grades da inconsciência e negar, pelo feitiço do *habitus*, o que falta à razão para que esta seja outra coisa que não a razão do mais forte” (CERTEAU, 2001, p.129).

Enfim, o interesse de Bourdieu está na gênese, no modo de geração das práticas, naquilo que as produz, ao contrário de Foucault, que se interessa pelo que essas práticas produzem.

A educação

Para Certeau, a lógica do desenvolvimento técnico e econômico que predomina no sistema capitalista estende-se à educação, sendo que o aspecto técnico cresceu de tal forma que o conteúdo que possibilita à educação ser o que é perde sua utilidade. A compartimentação em especialidades implantada pela razão produtivista leva a supor que não exista criatividade nos consumidores e que a iniciativa habite apenas os gabinetes técnicos. Também aqui, no entanto, o postulado da passividade do consumo é impróprio.

O trabalho de Certeau consiste exatamente nisso, em sugerir algumas maneiras de pensar as práticas cotidianas dos consumidores, supondo que são do tipo tático: “gestos hábeis do ‘fraco’ na ordem estabelecida pelo ‘forte’, artes de dar golpes no campo do outro (...)” (CERTEAU, 2001, p.104).

⁶ BOURDIEU, P.; PASSERON, J-C. **La Reproduction**: éléments pour une théorie du système d’enseignement. Obra publicada na França em 1970. No Brasil, foi publicada em 1975 como “A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino”.

Retomando a questão da prática escriturística versus linguagem oral, temos que a primeira é relacionada ao discurso dominante dos detentores do poder na sociedade e que a segunda é ligada à cultura ordinária do homem comum. Estabelecendo um paralelo com a escola, podemos deduzir que, na produção do discurso da vida escolar cotidiana, a oralidade tem papel fundamental. Se, os que têm poder, baseiam-se na escrita para imiscuir seu discurso entre os profissionais da escola, a produção cultural da escola encontra-se no âmbito da linguagem oral.

Tomemos por exemplo o projeto da escola. A escola tem um projeto formal, explícito, escrito, que é um documento burocrático sem muita utilidade prática, que responde aos ditames das políticas educacionais, mas não reflete a prática pedagógica efetiva. O verdadeiro projeto da escola, a linha condutora do trabalho – o norte, que está na cabeça das pessoas – no entanto, é implícito, informal, baseado na oralidade e se funda na comunhão de um ideal coletivo e na realização de um trabalho conjunto. A interpretação que a escola faz do discurso oficial permite a inversão desse discurso, de forma a que as tradições escolares se mantenham. É assim que classe fraca se transforma em classe diferenciada, que avaliação ou prova se transformam em sondagem, por exemplo (FALSARELLA, 2005).

Embora dominem o discurso trazido pelas políticas públicas, os atores escolares não se deixam seduzir: interpretam a ordem dominante fazendo-a funcionar dentro de sua cultura peculiar, cuja preocupação maior é de ordem prática, relativa ao ensino e à aprendizagem. Sem afrontar o sistema, a escola faz funcionar a ordem dominante dentro de uma ótica própria, apresentando um projeto oficial e desenvolvendo um projeto informal para uso interno. A prática da cultura oral é uma forma de transformar mensagens pelo uso. É ela que revela a operatividade da escola, ou seja, o que ela faz com os produtos prontos que recebe da política educacional.

Desse modo, cria sua própria cultura. Nos termos cereteunianos, “o enfoque da cultura começa quando o homem ordinário se torna o narrador, quando define o lugar do discurso e o espaço de seu desenvolvimento” (CERTEAU, 2001, p. 63).

Concluindo

Considerando tais ideias, podemos retomar a questão inicial proposta neste texto: Como a escola inventa seu cotidiano a partir das mudanças que lhe são propostas pelas políticas educacionais?

A resposta demanda pesquisas. É preciso garimpar conceitos, concepções, fundamentos, enfim, chaves de leitura, que permitam desenvolver formas de olhar, de ouvir e

de interpretar aquilo que o universo escolar tem a dizer, por meio das pessoas comuns, dos homens ordinários que dispõem de seu tempo e circulam por seu espaço.

Certeau indica uma trajetória de inversão em que “o homem ordinário se torna o narrador e define o lugar (comum) do discurso e o espaço (anônimo) de seu desenvolvimento” (grifo meu, p.63). Aí começa o enfoque da cultura, quando as práticas e as línguas científicas são reconduzidas a seu lugar de origem: a vida cotidiana, constituída de resistências e simbolizações irreduzíveis ao pensamento.

Assim, é preciso descobrir como uma sociedade inteira não se deixaria reduzir à rede de vigilância que se expande continuamente, quais procedimentos populares, mudos, minúsculos, cotidianos dos consumidores, formam a contrapartida da ordenação sócio-política. Há uma *ratio* popular, repleta de engenhosidades, que desafia e desencaminha as lógicas do poder. E as reações são praticamente silenciosas, porém não homogêneas.

Convém aqui destacar as influências cruzadas que atravessam a pesquisa acadêmica e a prática escolar. A pesquisa é marcada pelas concepções, valores e crenças que se originam na dinâmica social mais ampla, investigando a escola em função destas. Os profissionais da escola, por sua vez, incorporam resultados de pesquisas dentro de suas próprias concepções, valores e crenças. Daí a relevância de aproximar e integrar os dois modos de pensamento e atuação, ambos legítimos e igualmente importantes, sobre o mesmo objeto: a educação escolar. (MARIN, 2015, p. 33)

Cotejando com as ideias de Certeau aqui expostas, lembramos que, geralmente, os praticantes da cultura oral são tomados por consumidores passivos. Não obstante, eles provocam mudanças sociais ao organizarem as maneiras de receber as mensagens, transformando-as pelo uso que delas fazem. Disso decorre a relevância de, nas pesquisas acadêmicas sobre a escola, considerar-se o discurso dos *stakeholders* como formas de conhecimento, não apenas como informações coletadas pelo investigador.

Vale ressaltar que, no âmbito das relações escolares, não apenas a reprodução do discurso oficial é possível. O discurso particular dos integrantes de cada grupo-escola é modo de a instituição interpretar e reagir às proposições contidas nas políticas educacionais, fazendo-as funcionar dentro de uma ótica própria. Assim, é preciso estar atento às histórias, sonhos e experiências, às formas subjetivas de linguagem e práticas dos que têm a escola como local de trabalho, de aperfeiçoamento e de estudo. Daí a relevância de que a pesquisa acadêmica legitime o discurso de vozes historicamente pouco privilegiadas.

Espero que esta breve incursão à obra de Michel de Certeau desperte o interesse e estimule pesquisadores a aprofundar e a utilizar as ideias do autor em pesquisas acadêmicas

que visam compreender como a escola constrói seu cotidiano e constitui sua cultura. Importa que a ciência do ordinário deixe de causar estranheza ao pesquisador, que muitas vezes se sente como um corpo estranho dentro da escola.

Referências

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

BRASIL. LEI Federal nº 9394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em 03 mai.2017.

CERTEAU, M. **A cultura no plural**. 2 ed. Campinas-SP: Papirus, 1995.

_____. **A invenção do cotidiano, v. 1** – Artes de Fazer. Apresentação Luce Giard. 6 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2001.

CERTEAU; M.; GIARD L.; MAYOL, P. **A invenção do cotidiano, v. 2** – Morar, cozinhar. 3 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.

DICIO Dicionário Online de Português, <https://www.dicio.com.br>, 06/03/2017

FALSARELLA, A.M. Autonomia escolar e elaboração do projeto pedagógico: o trabalho cotidiano da escola face à nova política educacional (lei n. 9394/96). Tese de Doutorado em Educação, PUC-SP (História, Política, Sociedade).

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1987.

MARIN, A.J. A didática, as práticas de ensino e alguns princípios para a pesquisa e a docência. In: MARIN, A.J.; PIMENTA, S.G. **Didática – teoria e pesquisa**. Araraquara-SP: Junqueira&Marin, 2015, p. 17-37.

MORAES, V. O operário em construção. Rio de Janeiro: 1959. Disponível em <http://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/poesia/poesias-avulsas/o-operario-em-construcao>. Acesso em 03 mai.2017.

Resumo

A educação é uma área de estudo em que pesquisas acadêmicas empíricas trazem mais a perspectiva do pesquisador “sobre a escola” do que a perspectiva “da escola sobre si mesma”. No presente artigo faço uma exploração bibliográfica sobre as ideias de Michel de Certeau (pensador francês, 1925-1986), autor que agrega conteúdos originários de diferentes disciplinas para desenvolver uma obra instigante e peculiar sobre cultura, abordando “a arte” do cidadão comum em viver seu cotidiano e forjar sua cultura. Estabeleço a relação entre essas ideias e os estudos sobre a escola, relacionados às políticas educacionais, destaco o papel da oralidade nas relações humanas e a relevância de estudos empíricos sobre a escola a partir do olhar de seus atores internos. Espero que o texto estimule pesquisadores da área a valer-se dos estudos deste autor para analisar o cotidiano da escola – criado pelos sujeitos comuns que vivem, convivem e transitam por seus espaços.

Palavras-chave: Cotidiano e cotidiano escolar. Produção e consumo cultural. Cultura escriturística e cultura oral. Michel de Certeau.

Abstract

Education is a field of study in which academic research brings the researcher's perspective "on school" more than "the school" perspective on itself. In this text I present a synthesis of the ideas of Michel de Certeau, author who brings content originating from different disciplines to develop a provocative and peculiar work on culture, approaching the art of ordinary citizens in living their daily lives. I also try to establish the relationship between these ideas and the studies about the school, I emphasize the role of orality in human relations and the relevance of empirical studies about the school from the perspective of its internal actors. I hope the text will stimulate researchers in the area to use Certeau's studies to analyze the daily life of the school - created by ordinary people who live, coexist and move through their spaces.

Keywords: Everyday and school daily. Cultural production and consumption. Scriptural culture and oral culture. Michel de Certeau.